

Capoeira – Origem e História

Sergio Luiz de Souza Vieira

Da Capoeira: Como Patrimônio Cultural

PUC/SP – Tese de Doutorado - 2004

A Capoeira, é uma das manifestações culturais mais importantes do Brasil. Surgida do encontro, em terras brasileiras, principalmente das culturas do índio, do negro e do português, tornou-se um dos mais importantes símbolos do Brasil. Trata-se de uma das manifestações culturais da corporeidade humana, a qual é baseada em um diálogo corporal, no qual terá maior destaque o jogador que fizer mais perguntas corporais do que as respostas corporais obtidas, ou então aquele capaz de apresentar mais argumentos corporais do que as perguntas corporais que lhe foram feitas. Neste diálogo entrarão em jogo os braços, as pernas, a cabeça e os jeitos corpo.

A primeira citação do vocábulo foi feita pelo Padre Fernão Cardim (SJ) na obra: *Do Clima e da Terra do Brasil*¹, editado em 1577, onde se destaca o texto: “*Ao lomgo de huma rossa que Frco. Frz., feitor da dita casa tem derrubado, saindo as capoeiras que foram de Anto. Frz.*”. Em outras obras jesuíticas que se sucederam, novamente o vocábulo capoeira foi registrado, em todos mantendo o significado de vegetação secundária. Ainda hoje, a discussão sobre o vocábulo parece ser interminável.

Com o advento das invasões holandesas, na Bahia e em Pernambuco, no século XVII, principalmente a partir de 1640, houve uma desorganização generalizada no litoral brasileiro, permitindo que muitos escravos fugissem para o interior do país, estabelecendo-se em centenas de quilombos, tendo como consequência o contato ora amistoso, ora hostil, entre africanos e indígenas. Tende-se a acreditar que o vocábulo, de origem indígena Tupi, tenha servido para designar negros quilombolas como “*negros das capoeiras*”, posteriormente, como “*negros capoeiras*” e finalmente apenas como “*capoeiras*”. Cabe ressaltar, que nunca houve nenhum registro da Capoeira em qualquer quilombo. Sendo assim, aquilo que antes

¹ Anais da Biblioteca Nacional, Volume LXXXII. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1962, pg. 62.

etimologicamente designava “mato” passou a designar “pessoas” e as atividades destas pessoas, “capoeiragem”.

Não há, desta forma, nenhuma relação entre o significado deste vocábulo, na sua acepção original ou a obtida nos movimentos quilombolas, com sua forma enquanto “Luta”, cuja mais antiga citação nos foi fornecida por Hermeto Lima, ao nos afirmar que *“segundo os melhores cronistas, data a capoeiragem, de 1770, quando para cá andou o Vice-Rei Marques do Lavradio. Dizem eles também que o primeiro capoeira foi um tenente chamado João Moreira, homem rixento, motivo porque o povo lhe apelidou de ‘amotinado’. Viam os negros escravos como o ‘amotinado’ se defendia quando era atacado por 4 ou 5 homens, e aprenderam seus movimentos, aperfeiçoando-os e desdobrando-os em outros dando a cada um o seu nome próprio. Como não dispunham de armas para sua defesa uma vez atacados por numeroso grupo defendiam-se por meio da ‘capoeiragem’, não raro deixando estendidos por uma cabeçada ou uma rasteira, dois ou três de seus perseguidores”*².

Este texto de Hermeto Lima, se alinha com o de Macedo, que nos afirma que *“o Tenente ‘Amotinado’ era de prodigiosa força, de ânimo inflamável, e talvez o mais antigo capoeira do Rio de Janeiro, jogando perfeitamente, a espada, a faca, o pau e ainda de preferência, a cabeçada e os golpes com os pés”*³.

Com isto, o vocábulo “Capoeira” passou a estar associado a uma forma de luta, atrelada às estratégias de sobrevivência da população negra, que *“resistiu e cedeu, agrediu e foi agredida”*⁴. Esta situação acabou, de alguma forma, fixando seus significados em comportamentos considerados ilegais ou criminosos, que foram rigorosamente punidos pela polícia a cada época. Muitas destas ações tiveram como pano de fundo a repressão à luta dos escravos pela liberdade e aos mesmos enquanto grupo, com o aumento gradativo da população de negros libertos ou alforriados⁵, quando, principalmente a partir do séc. XIX. Assim, o que antes se constituía numa ação contrária a um determinado grupo étnico, passou a ser um combate a um procedimento cultural. A Capoeira, que se disseminava com grande força, atingia boa parte da população branca, conforme nos indica Soares ao afirmar

² Lima, Hermeto in “Os Capoeiras”, Revista da Semana 26 n° 42, 10 de outubro de 1925.

³ Macedo, Joaquim Manoel. Memórias da Rua do Ouvidor. Rio de Janeiro: Perseverança, 1878, pg. 99. O texto em tela se relaciona também com o Tenente João Moréia.

⁴ Soares, Carlos Eugênio Líbano. A Negregada Instituição – Os Capoeiras no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1994, pg. xvii.

que “*inúmeros jovens, mesmo alguns da elite, eram facilmente seduzidos pela beleza da acrobacia e da agilidade, que hoje faz o sucesso da Capoeira nas gerações mais novas. A faixa etária daqueles presos como capoeiras, denota a majoritária presença de jovens entre 15 a 25 anos*”⁶. Desta forma, passou a se constituir numa prática indesejada e que deveria ser extirpada do seio da sociedade.

Contra estes primeiros capoeiras, entre os quais existiam escravos fugitivos, negros libertos e elementos marginalizados pela sociedade escravagista, passaram a existir uma série de leis penais que os consideravam como desordeiros e delinqüentes, sendo rigorosamente vigiados e punidos. A evolução das leis acontecia na mesma ordem em que os escravos iam gradativamente obtendo suas liberdades, através de cartas de alforria ou de compras de suas liberdades, o que lhes conferia um novo status jurídico.

Conforme nos afirma Rego, “*o Brasil, que nasceu sem uma polícia organizada, começou a pensar nisso a 24 de outubro de 1626, com a primeira idéia de se organizar, no Rio de Janeiro, uma polícia inspirada nas Ordenações Filipinas, tendo como patrono o ouvidor-geral do crime Luís Nogueira de Brito. O Trabalho era gratuito e executado por funcionários chamados ‘quadrilheiros’, devido a atuação ser feita por quadras, tendo cada qual um responsável. A tarefa era manter a tranqüilidade da cidade e evitar o vício e a delinqüência. Como esta estivesse proliferando com o crescimento da cidade, surge em 1725 o governador Luís Vahia Monteiro, com o ‘punho de ferro’, para impedir o crime e por isso foi apelidado de ‘o Onça’ devido à semelhança de sua ferocidade com a do animal. Daí a polícia só veio a sofrer reestruturação e por sinal de base, em 1808*”⁷. Mesmo com esta força repressora, os métodos da polícia não foram suficientes para repelir as ações dos capoeiristas, já habitantes do crime, em conseqüência das injustiças sociais que o sistema originava.

Em 1.808 chega ao Brasil D. João VI e sua corte, fugidos das tropas napoleônicas que então dominavam a Europa. Temendo ser liquidado por espões estrangeiros ou por alguma represália por parte dos escravos ou provocada por capoeiristas, ou ainda temendo que intrigas feitas por descontentes que o levassem

⁵ A referência aqui se dá em função de muitos negros que passaram a ser alforriados ou a comprar sua própria liberdade, o que mudava sua relação jurídica, pois como pessoas livres eram providos de algumas liberdades individuais, entre elas a de fazer Capoeira como uma atividade esportiva, por exemplo.

⁶ Soares, op. cit. 1994, pg. 83. O texto se refere aos jovens do Rio de Janeiro.

⁷ Rego, Waldeloir. Capoeira Angola – Ensaio Sócio-Etnográfico. Salvador: Itapoã, 1968, pg. 293 e 294.

a uma situação desfavorável, procurou o imperador dar uma nova estrutura a polícia aumentando sua segurança e a da Cidade do Rio de Janeiro, na época Capital do Brasil, o que se deu através do Alvará de 10 de maio de 1.808, criando a Intendência Geral de Polícia, que foi baseada nos mesmos moldes da organizada pelo Marques de Pombal em Portugal, sendo nomeado primeiro intendente o desembargador Paulo Fernandes Viana, que tratou logo de organizar uma secretaria de polícia, para facilitar a expansão de seu programa de realizações.

Fruto deste trabalho foi criada a Guarda Real de Polícia, que foi originada pelo Decreto de 13 de maio de 1.809 e cuja direção foi confiada ao Major Miguel Nunes Vidigal, que se tornou um célebre combatente dos capoeiristas, causando-lhes um verdadeiro terror, mesmo porque também era uma capoeirista.

Segundo nos afirmam Barreto Filho e Lima “*era um homem alto, gordo, do calibre de um granadeiro, moleirão, de fala abemolada, mas um capoeira habilidoso, de sangue frio, e de uma agilidade a toda prova, respeitado pelos mais temíveis capangas de sua época. Jogava maravilhosamente o pau, a faca, o murro e a navalha, sendo que nos golpes de cabeça e pés, era um todo inexcedível*”⁸. Esta riquíssima narrativa nos aponta para o fato de que a capoeiragem, já fazia parte da sociedade branca e era utilizada em iguais condições para reprimir aqueles que não se enquadravam no modelo social dominante. “*Parecia estar em toda parte, com seus granadeiros, armados de longos chicotes. Protegidos pela distância que mantinham dos capoeiras, podiam atingi-los a salvo. Chegava, inesperadamente, aos quilombos, rodas de samba e candomblés, arrebatando tudo e todos que encontrava. Aos capoeiras, que foram sua mira principal, reservava um tratamento especial, uma espécie de surras e torturas a que chamava de ‘ceia dos camarões*”⁹. Rego ainda nos informa que o mesmo após prestar relevantes serviços policiais para D. Pedro I e D. Pedro II, veio a falecer a 10 de junho de 1853, galgando o posto de Marechal de Campo e Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro. Ironicamente, talvez tenha sido o primeiro capoeirista a obter esta honraria.

Após a criação da Intendência Geral de Polícia, o capoeira nunca mais teve paz, tendo a partir daquela data inúmeros perseguidores. Todavia a Guarda Real de Policia, sua componente, apesar do punho forte do Major Vidigal e de outros

⁸ Barreto Filho, Melo & Lima, Hermeto. História da Polícia do Rio de Janeiro: Aspectos da Cidade e da Vida Carioca – 1565/1831, vol I. Rio de Janeiro: S/A A Noite, 1939, , pg. 203.

⁹ Rego, op. cit., 1968, pg. 295.

chefes que por lá passaram, não foi suficiente para extinguir os capoeiras e muito menos o problema dos constantes conflitos entre eles e a polícia, sobretudo no tangente ao uso de armas características que usavam os capoeiristas da época.

A arma comum dos capoeiras, na época, era a temível navalha, a qual manejavam com a mais absoluta destreza, e em virtude disto, usavam um lenço de seda pura em torno do pescoço como precaução para se defenderem, sabido que a mesma embota o fio da navalha.

Ao longo do Império, houve as seguintes legislações que proibiram a prática da Capoeira, algumas denominadas de Decisões, as quais se comparam às atuais Resoluções e as Posturas, que correspondem atualmente às Deliberações, a saber:

→ **Decisão** de 31 de outubro de 1821: determinou sobre a execução de castigos corporais em praças públicas a todos os negros chamados capoeiras.

→ **Decisão** de 05 de novembro de 1.821: determinou providências que deveriam ser tomadas contra os negros capoeiras na cidade do Rio de Janeiro.

→ **Decisão** de 06 de janeiro de 1.822: mandava castigar com açoites os escravos capoeiras presos em flagrante delito.

→ **Decisão** de 28 de maio de 1.824: dava providências sobre os negros denominados capoeiras.

→ **Decisão** de 14 de agosto de 1.824: mandava empregar nas obras do dique os negros capoeiras presos em desordem, cessando as penas de açoites.

→ **Decisão** de 13 de setembro de 1.824: declara que a portaria de número 30 do mês de agosto compreende somente escravos capoeiras.

→ **Decisão** de 09 de outubro de 1.824: declara que os escravos presos por capoeiras devem sofrer, além da pena de três meses de trabalho, o castigo de duzentos açoites.

→ **Decisão** de 27 de julho de 1.831: manda que a junta policial proponha medidas para a captura e punição dos capoeiras e malfeitores.

→ **Postura** de 17 de novembro de 1.832: proibia o Jogo da Capoeira: "...trazem oculto em um pequeno pau escondido entre a manga da jaqueta ou perna da calça uma espécie de punhal..." "tomam providências contra todo e qualquer ajuntamento junto às fontes, onde provocavam arruaças e brigas; próximo a Igreja do Rosário, no Largo da Misericórdia, onde à noite as mulheres se reuniam..."

→ **Decisão** de 17 de abril de 1.834: solicita providências a respeito dos operários do arsenal de marinha que se tornarem suspeitos de andar armados (fez referência a uma acusação de assassinato feita contra um negro, e mencionou que já haviam sido dadas ordens ao chefe de polícia sobre os capoeiras).

→ **Decisão** de 17 de abril de 1.834: dá providências a respeito dos pretos que depois do anoitecer forem encontrados com armas ou em desordens.

→ **Postura** de 13 de dezembro de 1.834: dá mais providências contra os capoeiras.

Em 1.830 apareceu a primeira codificação penal brasileira, que recebeu o nome de **Código Criminal do Império do Brasil**. Não se referia ao capoeira, especialmente, mas como socialmente o mesmo era considerado um vadio, sem profissão definida, implicitamente estava enquadrado no **Capítulo IV: Dos Vadios e Mendigos**, e também por andar em grupos, estava sujeito aos tratos do **Capítulo III: Dos Ajuntamentos Ilícitos**.

Com a Guerra do Paraguai, o Império viu-se na contingência de formar batalhões específicos de negros, em sua grande maioria, capoeiristas. Sendo assim, entre 1865 e 1886, os governos provinciais fizeram seguir para a frente de batalha, grande número de capoeiristas, em batalhões específicos denominados Zuavos. Se por um lado o objetivo era reduzir sensivelmente o número de capoeiristas, por outro conseguiram tornar a modalidade uma Arte Marcial, posto ser este um título que usualmente é conquistado por alguma forma de luta que tenha passado por uma experiência de guerra.

Não foram em vão os esforços destes brasileiros, no teatro de operações, posto que, se destacavam, principalmente nos assaltos com baionetas. Como exemplo destes atos de bravura, é digna de citação a brilhante tomada ao Forte Curuzó, onde os Zuavos galhardamente fincaram o Pavilhão Nacional, após terem rechaçado os paraguaios.

Alguns capoeiras chegaram a ser oficiais do Exército e da Marinha, por seus atos de bravura, e recebendo a comenda da Ordem do Cruzeiro, como foi o caso do Capitão Cezário Álvaro da Costa do 7º Batalhão de Caçadores. Outro exemplo também é o do Alferes Francisco de Melo do 9º Batalhão de Caçadores que com bravura se destacou na Batalha do Riachuelo, juntamente com outros companheiros, como foi o caso do *“Príncipe Oba II, Cândido Fonseca Galvão, um negro que se tornou Alferes do Batalhão de Zuavos e depois encarnou o papel de monarca dos negros e negras da Corte, exibindo seus conhecimentos de figuras de proa da vida do Império, se identificando com o Partido Conservador, e chegando a desfrutar da amizade do próprio Imperador Pedro II”*¹⁰.

Em 1.870, após o final da Guerra, o Brasil começou a voltar à normalidade. *“O prestígio alcançado pela força militar diante da sociedade civil era impensável antes do conflito. Transformados em heróis do dia, os soldados sobreviventes voltaram para uma sociedade tremendamente mudada”*¹¹. Como em conseqüência de um conflito sempre existe uma mudança no pensamento, esta se desenvolveu sob a forma do abolicionismo. Não o abolicionismo disfarçado em gesto humanitário para o povo negro, mas sim como corrente contra a estagnação da economia brasileira, da sociedade escravagista, que já estava sendo superada por nações que haviam libertado os seus escravos.

Assim, *“a participação de escravos no Exército garantiu, pelo menos, à parcela da população envolvida, algum tipo de reconhecimento, e mesmo, um lugar de interlocução. Sua incorporação num projeto de realização hegemônica da Coroa e da classe dominante implicava necessariamente assimilar alguns de seus próprios interesses a esse projeto. Assim, é que a alforria do escravo combatente tinha dois lados: encobrir o fato da civilização escravista fundar parte de sua glória nos campos de batalha num segmento da população não reconhecendo como portador de seus*

¹⁰ Soares, 1994, op. cit. pg. 190.

¹¹ Soares, 1994, op. cit. pg. 190.

*padrões morais e culturais, ao mesmo tempo incorporar e atender um interesse imediato desses setores, a liberdade*¹².

Os abolicionistas passaram a ajudar os negros a encontrarem meios de conseguir sua liberdade, quer com apoio logístico, quer através de jornais ou ainda também lutando lado a lado dos mesmos. Há que se esclarecer que embora o tal movimento tivesse uma intenção também humanitária, houve quem a esta causa se juntasse buscando atenuar a questão da miscigenação.

A maçonaria que exercia grande influência na Monarquia, passou também a se empenhar diretamente na causa dos escravos, atuando na elaboração e promulgação de leis que transformassem gradativamente a economia brasileira, de escravagista para capitalista. Desta forma, surgiram leis como a do Ventre-Livre em 27 de setembro de 1.871 e a dos Sexagenários em 06 de maio de 1.885.

Estas medidas, apesar de não resolverem o problema social dos negros serviam para incentivá-los ainda mais em sua luta. E aos poucos foram se ajuntando em dois grandes grupos denominados por Nagoas¹³ e Guaiamus¹⁴, que mantinham entre si uma intransigente rivalidade, ambos se combatendo mortalmente. Tais agremiações, surgidas na segunda metade do século XIX, e que se subdividiam por freguesias, eram chamadas de "*Maltas de Capoeiras*", causando verdadeiro terror à população e implacável, perseguição por parte da polícia. Segundo nos indica Soares, "*tais grupos representavam duas tradições oriundas de uma mesma matriz, que se forjaram na clivagem étnica e cultural que atravessou a sociedade carioca na metade do século XIX. Os Nagoas seriam identificados com uma tradição escrava africana da Capoeira, remontando aos primórdios da sociedade urbana, na virada do século XVIII para o XIX. Os Guaiamus deveriam estar ligados a uma raiz nativa e mestiça, próxima dos libertos e pardos, que teve grande projeção a partir dos meados do século XIX, quando homens livres, imigrantes portugueses, brancos pobres vindos do interior e crioulos chegados de todas as províncias gradativamente somaram a maioria esmagadora da população*

¹² Salles, Ricardo. A Guerra do Paraguai: Escravidão e Cidadania na Formação do Exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, pg. 74.

¹³ Nagoas significava gente da nação nagô, escravos originários da África Ocidental e que falavam ou entendiam o ioruba, ou seja, das regiões do Benim e da Nigéria. Estes representavam cerca de 65% da população escrava.

¹⁴ Guaiamus, termo que designa um crustáceo pantanoso, identificava uma parcela que residia próxima à antiga área pantanosa da Cidade do Rio de Janeiro, que depois, no início do século XX, seria aterrada, pelo Prefeito Pereira Passos, por conta do Movimento Higienista, desencadeando a chamada Revolta da Vacina Obrigatória.

*trabalhadora*¹⁵. Mais tarde, no final do segundo reinado, estes conflitos se agravariam tomando partido os Guaiamus, do movimento republicano, e os Nagoas, por uma defesa da monarquia.

Na medida em que a Capoeira foi sendo incorporada por brancos, portugueses e mestiços, tais maltas também foram tendo sua composição étnica alterada, a ponto de se tornarem minorias os africanos, operando assim sinais de uma transição cultural subterrânea, onde uma geração foi herdando os ordenamentos simbólicos de outra, incorporando outros simbolismos, sem deixar vestígios da passagem da geração antiga. À guisa de exemplo podemos citar como influência portuguesa, a introdução da navalha, os nomes dos golpes utilizados pelos capoeiras da época, a malandragem dos fadistas, assim como as gírias usadas na comunicação entre os mesmos, os aspectos religiosos católicos inseridos nas canções, bem como até a palavra “*mestre*” que em breve seria incorporada¹⁶. Há que se considerar também, que por trás desta transição cultural, ocorria alterações nos conteúdos, fundamentos, rituais e tradições da Capoeira, conseqüentemente em seu patrimônio cultural.

A Capoeira, naquela época, antes de ser uma luta era uma instituição, conforme nos aponta um texto extraído do Jornal Gazeta de Notícias em 1880, que sugeria para estas agremiações no nome de “*Partido Capoeira*”, o qual a partir das “*Maltas*”, mercantilizava a violência, a qual era contratada por políticos profissionais de situação ou de oposição, a primeira, dos Nagoas, ligando-se ao Partido Conservador e a segunda, dos Guaiamus, ao Partido Liberal. A própria polícia, como vimos, contratava capoeiras para combater outros capoeiras, de forma que havia, além de antagonismos, também cumplicidades entre os agentes envolvidos.

Soares nos informa que: “*não é (era) um grupo específico, com um determinado número de membros. Ele (o partido) significa um método, uma forma de fazer política. Esta forma de fazer política teria duas características básicas: a primeira ligada ao espaço onde esta atuação teria lugar. Este espaço era a rua, a praça pública. Esta política na rua estava dirigida, pensamos nós, não somente ao grupo adversário, que se pretendia coagir, mas ao restante da sociedade. Para essa havia uma mensagem que se pretendia passar, mensagem esta ligada a formas de*

¹⁵ Soares, op. cit., 1994, pg. 95.

¹⁶ Se formos observar em profundidade a questão multicultural, atrás desta influência portuguesa está também uma forte característica árabe, em função dos séculos de dominação moura da península ibérica.

identidade, e uma presença no contexto político dominante. A política de rua dos capoeiras era, desta forma, uma leitura e uma prática invertida da política fechada dos gabinetes. A segunda era a autonomia que o Partido Conservador mantinha frente às grandes agremiações. Por mais que acentuemos a ligação que unia capoeiras e políticos, conservadores, temos que ter claro que a reprodução do grupo e sua existência enquanto fonte de poder não estava nas mãos dos chefes políticos. Não havia um laço de dependência estrita da malta com seu patrono, como existia na área rural, A aliança com conservadores era fruto de uma opção por aquele grupo da elite dominante que mais se aproximava de seus interesses, aliança que podia ser rompida a qualquer momento. Esta situação ficou clara quando da saída dos conservadores do governo, e a manutenção dos capoeiras como força política de primeira linha no tabuleiro da corte¹⁷. Tal fato, a que se refere Soares, se dá na composição da Guarda Nacional, composta em sua grande parte por capoeiristas fiéis à monarquia, situação esta que futuramente geraria um dos fatores que motivaram a Proclamação da República, mais especificamente a “Causa Militar”¹⁸, a qual foi um dos fatores que motivaram com que o Exército Brasileiro intervisse no problema, destituindo a Monarquia e assumindo o governo.

Encontramos concordância com este posicionamento em Pederneiras, quando afirma que *“a vida quase comum dos politiquinhos, e demagogos, de antanho e os capoeiras, estabeleceu uma permuta de vocábulos; frases feitas, chapas parlamentares, eram adotadas ou adaptadas pelos ‘capadócios’; os tropos da retórica dos pais da pátria transferiam-se para o vocabulário dos pernósticos guarda-costas. Assim se explica o gênero rebuscado que floresceu na linguagem dos guaiamus e nagoas; assim se justifica a entrada dos capadócios no campo do falar comum”¹⁹.*

Soares ainda nos aponta para o fato de que mesmo durante os governos liberais, capoeiras e policiais partilhavam de uma estranha parceria, que provocava verdadeiros escândalos na população de classe média. Assim, *“capoeiras perseguidos por policiais em determinadas freguesias costumavam correr para suas áreas de origem, de forma a contar com a proteção, às vezes direta, da polícia*

¹⁷ Soares, op. cit., 1997, pg. 219

¹⁸ Tratou-se de um boato no qual se pretendia a substituição do Exército pela Guarda Nacional, em represália ao positivismo que se instalava entre os oficiais do Exército.

¹⁹ Pederneiras, Raul. Geringonça Carioca: Verbetes para um Dicionário da Gíria. Rio de Janeiro: Brigiet, 1922, pg. 3.

local'. Mas o dado indicativo mais forte dessa 'simbiose', era a *existência do chamado 'Corpo de Secretas', que era uma espécie de 'polícia política clandestina', que fornecia informações para os escalões mais altos. Diversas vezes os jornais denunciavam que este corpo era formado exclusivamente por capoeiras recrutados nas prisões, e que recebiam a liberdade em troca de alguns 'serviços' que a polícia diretamente não poderia realizar*"²⁰.

Plácido de Abreu, escritor português, nos dá uma idéia sobre os níveis de violência alcançados por estas maltas. Ele, que provinha dos Guaiamus, nos deixou o seguinte texto: "*Há pouco tempo o bando Guaiamu costumava ensaiar os noviços no Morro do Livramento, no lugar denominado Mangueira. Os ensaios faziam-se regularmente aos domingos de manhã e constavam de exercícios de cabeça, pé e golpe de navalha e faca. Os capoeiras de mais fama serviam de instrutores àqueles que começavam. A princípio os golpes eram ensaiados com armas de madeira e por fim serviam-se dos próprios ferros, acontecendo muitas vezes ficar ensangüentado o lugar dos exercícios. Os Nagoas faziam os mesmos ensaios, com a diferença que o lugar escolhido por eles era a Praia do Russel, para os para os partidos de São José e Lapa, e o Morro do Pinto para o de Santana*"²¹.

A mestiçagem colocava em questão a formação do caráter nacional brasileiro, a partir de um conjunto de características herdadas principalmente de duas de suas matrizes étnicas: a africana e a indígena. Desta feita, estes distúrbios eram utilizados pela imprensa como argumentos para o que se viria a pensar sobre a formação do povo brasileiro. A miscigenação se constituía num problema grave, praticamente insolúvel, gerador de um grande pessimismo em relação ao futuro da nação e do povo.

O problema quase que insolúvel das Maltas agravava ainda mais esta situação, e a polícia, sobretudo pela influência dos políticos, não conseguia dar conta deste problema.

O mundo ocidental estava envolto nas fundamentações teóricas sobre a formação do "Estado Nacional". Esta discussão permeava o pensamento de muitos intelectuais na Europa e nas Américas, a exemplo de Vancher Lapouge sobre a América Latina: "*eles chegam ao mundo muito tarde, e a raça em si mesmo é muito inferior. O México, onde o elemento indígena a absorveu completamente, e o*

²⁰ Soares, 1994, op. cit. pg. 220.

²¹ Abreu, Plácido. Os Capoeiras. Rio de Janeiro. Seraphim, 1886, pg 2.

*Brasil, imenso estado negro, que retornou à barbárie, são os dois únicos de uma importância numérica séria*²².

O discurso da homogeneização étnica ecoaria em muitos intelectuais pertencentes aos setores dominantes. Algo deveria ser feito para alterar os efeitos deste determinismo biológico, considerado por muitos como altamente desfavorável para o Brasil. *“A raça era uma discussão muito difundida neste recorte histórico. Todos estavam preocupados com uma raça que desenvolvesse o país e garantisse a formação de Estado Nacional. A idéia do Estado Nacional defendia uma unidade de território, etnicidade e língua, que na época eram uns dos principais definidores da nação e do povo. Sem estes pressupostos, o Brasil não se formaria como nação*²³.

A dimensão social que vinha tomando esta situação foi tamanha, que muitas cidades, em suas Câmaras, já estavam editando legislações similares, a exemplo de Araras, em São Paulo, que foi a primeira cidade brasileira a abolir a escravatura, o que se deu em 08 de abril de 1888. Tais fatos também contribuíram para que a Princesa Isabel, assinasse, em 13 de maio de 1888, a chamada Lei Áurea, que libertou todos os escravos no Brasil. Assim, não foram somente as pressões estrangeiras, sobretudo da Inglaterra, em função de um capitalismo que surgia, houve também uma questão étnica contrária a miscigenação.

Nos meses que se seguiram à abolição, às vésperas da Proclamação da República, em todos os comícios do Partido Republicano estavam presentes os capoeiristas, em verdadeiras guerras campais contra os republicanos. O Movimento Republicano, de simples ideal, se configurou num forte movimento nacional.

No que tangia aos africanos e seus descendentes, no entanto, havia um sentimento de gratidão à Monarquia, além do entendimento de que o Movimento Republicano era gerado e sustentado por aqueles que se beneficiavam com a escravidão e que passaram a se posicionar contrários a Monarquia.

Ao final do século XIX, em 15 de novembro de 1889, exatamente dezoito meses após a abolição da escravatura²⁴, tivemos a queda da Monarquia e a Proclamação da República, e com ela, para surpresa de muitos intelectuais de vanguarda, a ascensão ao poder, da ala conservadora do Exército brasileiro, que

²² Lapouge, Vacher, apud Góis Júnior, Edivaldo, in Os Higienistas e a Educação Física: A História dos seus Ideais. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Rio de Janeiro: UGF, 2000, pg. 70.

²³ Góis Júnior, op. cit., 2000, pg. 71.

estabeleceu como prioridade à consolidação do regime, através da manutenção da ordem, da valorização dos símbolos nacionais e do fortalecimento de um nacionalismo no país, como fatores preponderantes para se obter um progresso. Assim, inspirada sob o lema positivista e sob a influência dos astros²⁵, nasceu a República dos Estados Unidos do Brasil. O povo apenas assistia a tudo.

Aqueles capoeiristas que habitavam o mundo do crime²⁶, ainda que como estratégia de sobrevivência, continuavam a dar grande trabalho para a Polícia. A Cidade do Rio de Janeiro, naquela época, era a capital do Brasil, e como tal, um cartão de visitas, que não poderia se maculado pelo crime e pela delinqüência dos capoeiristas. Este processo civilizador que se instaurava no país, era na realidade, um projeto de construção de um país branco, ocidental, cristão, de valores europeus, e de grande recusa de sua matriz africana, e no que nos é concernente, de domesticação da Capoeira.

Entraria em cena, um outro capoeirista, chamado Sampaio Ferraz, nomeado como o primeiro chefe de polícia da novel República, o qual recebeu a incumbência de eliminar o problema da Capoeira no Rio de Janeiro da parte do próprio do Chefe do Governo, Marechal Deodoro da Fonseca. Sampaio a princípio diz tratar-se de um problema difícil, pois havia muitos filhos de famílias distintas e poderosas que faziam uso da mesma, todavia, Deodoro lhe conferiu garantias pessoais para agir com “*carta branca*” no sentido de exterminar os capoeiras. À vista disto ficou decidido que “*todos os capoeiras, sem distinção de classe e posição, seriam encerrados no xadrez comum da detenção, tratados ai severamente e pouco a pouco deportados para o presídio de Fernando de Noronha, onde ficariam certo tempo, empregados em serviços forçados*”²⁷.

De posse, então desta missão, Sampaio Ferraz, de imediato deu início a esta empreitada, contando com o apoio de outros capoeiristas, ente eles Silva Jardim, Lopes Trovão, Coelho Neto e Plácido de Abreu. Entretanto, conforme havia previsto, “*os mais perigosos chefes de maltas de capoeiragem, eram filhos de*

²⁴ A abolição da escravatura se deu através da Lei Áurea em 13 de maio de 1888.

²⁵ Alusão à inserção do céu estrelado com a configuração da noite da Proclamação da República.

²⁶ Esta afirmação se dá em função de que nem todos os que praticavam a Capoeira se encontravam no mundo do crime. Havia aqueles que a praticavam como um método ginástico.

²⁷ Abranches, Dunshee de. Actas e Actos do Governo Provisório: Cópias Similares das Reuniões Secretas do Conselho de Ministros. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907, pg. 171. Bocaiúva, ao final acabou voltando atrás em sua decisão de renunciar ao cargo. Juca Reis, teria sido, então, encaminhado ao Presídio de Fernando de Noronha.

*famílias ilustres e até de titulares, de almirantes e de altos funcionários do Paço*²⁸, os quais foram igualmente presos, tal fato acabou gerando a primeira crise do governo republicano, quando a 12 de abril de 1890, fora preso praticando Capoeira, José Elycio dos Reis, conhecido por Juca Reis, o filho do Conde de Matosinhos, mas como a ordem já estava posta, não houve como recuar. Assim, entram os Capoeiras para a história republicana, numa dupla situação: primeiro por *“causarem a menos de cinco meses, a primeira crise do governo provisório, quase pondo abaixo o Ministério de Deodoro, ocasião em que pediu renúncia o Ministro das Relações Exteriores, Quintino Bocaiuva*²⁹, e em segundo, por se tornarem, não sem assassinatos legalizados e torturas, os primeiros presos políticos da república, sendo deportados para o Arquipélago de Fernando de Noronha.

No mesmo ano, a prática da Capoeira foi incluída no Código Penal da República como contravenção, onde permaneceu assim, nos cinquenta anos seguintes. Entretanto, aqueles que dela se utilizavam como uma prática esportiva, estavam ilesos das ações policiais.

O Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, instituído pelo Decreto 847 em 11 de outubro de 1.890 e que esteve em vigor até meados da década de 1.960, deu em seu Capítulo XIII tratamento específico ao assunto, intitulado: *“Dos Vadios*³⁰ e Capoeiras”, nos artigos que se seguem:

“Art. 402- Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação de capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal;

Pena- De prisão celular de dois a seis meses. A penalidade é do art. 98.

²⁸ Abranches, op. cit. 1907, pg. 171.

²⁹ Abranches, 1907, pg. 172. Este fato nos narra o quanto a Capoeira era representativa naquela época.

³⁰ Há que se ter cuidado com o vocábulo “vadio”, descrito na legislação, pois é comum aos habitantes do norte de Portugal trocarem o “v” pelo “b”, posto que se utilizam ainda hoje da palavra “badios” pronunciada por “vadios” para designarem os negros das ilhas da costa africana. Assim, pode ser que esta legislação não esteja se referindo àqueles que estavam “ociosos”, mais sim aos “negros africanos” que estavam ociosos e aos capoeiras.

Parágrafo Único- É considerada circunstância agravante pertencer o Capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes se imporá pena em dobro

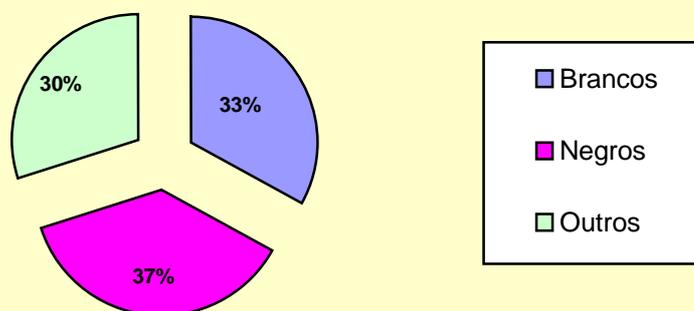
Art. 403- No caso de reincidência será aplicada ao Capoeira, no grau máximo a pena do art. 400.

Parágrafo Único- Se for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

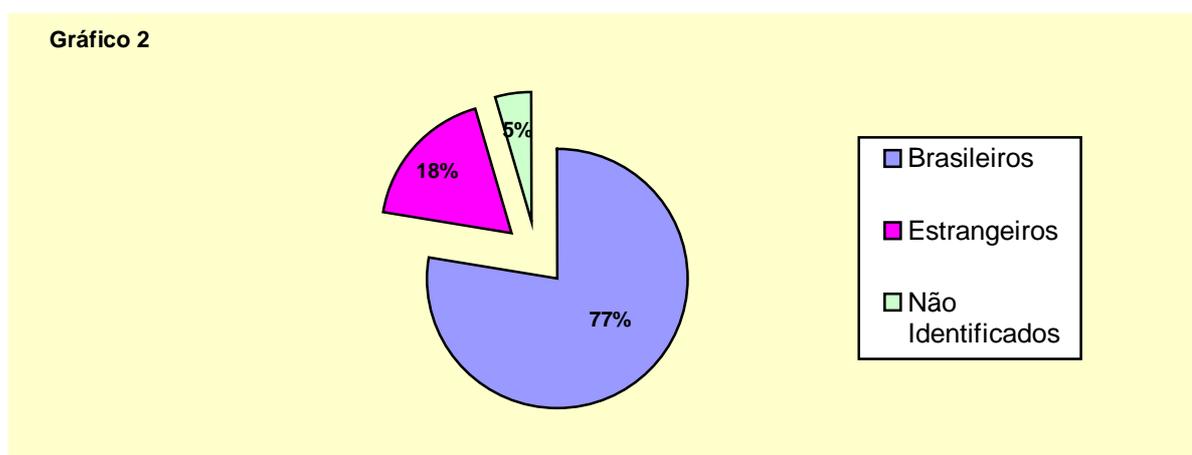
Art. 404- Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou for encontrada com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes”.

De 15 de novembro de 1.889 a 13 de janeiro de 1.890 foram presos pelo menos 110 capoeiras. Este número pode parecer pequeno, no entanto, em números relativos, se formos comparar o índice demográfico da Cidade do Rio de Janeiro na época, com o da atualidade, bem como o das capacidades dos presídios, este número poderia corresponder a milhares de presos, o que implicaria na construção de vários presídios específicos somente para abrigar os capoeiristas. Isto nos dá uma idéia do grau de repressão contra a mesma.

Gráfico 1



Segundo Bretas³¹, os registros da Casa de Detenção do Rio de Janeiro acusaram a prisão de 110 capoeiras, deste total 32,7% eram brancos, 30% eram negros, e 37,3% outras etnias. Segundo o nascimento 18,1% eram estrangeiros, 4,5% não identificados e os demais brasileiros. Deste total, todos tinham profissão definida, com exceção a 02 que não foram qualificados. Outrossim, que suas idades variavam de 18 anos a 41 anos.



Segundo o depoimento da historiadora Marieta Borges Lins e Silva, “muitos deportados para Fernando de Noronha, deram entradas com nomes trocados propositadamente e jamais conseguiram sair do arquipélago, ou seja, o capoeirista José dava entrada no presídio, com o nome de João, sendo que ao final da pena a liberdade viria para o João, e não para o José. Como o João não era encontrado, consideravam que o mesmo havia morrido durante a fuga, comido pelos tubarões, e o José, este continuava preso até a morte”³².

No que tange ao problema da miscigenação, a questão se dava não somente no aspecto biológico, mas também no cultural, na medida em que determinados hábitos considerados como resultantes da matriz africana eram repassados para toda a sociedade, e desta forma, igualmente condenáveis, principalmente porque também atingia os adolescentes.

As discussões sobre a questão étnica e sobre o futuro do Brasil, continuavam a ocupar lugar central nas discussões dos intelectuais, jornalistas e

³¹ Bretas, Marcos Luiz. Navalhas e Capoeiras: Uma Outra Queda, in Ciência Hoje. Rio de Janeiro: SBPC, n° 59, pgs. 56 a 64.

governantes. *“Como o Brasil é condenado pelos estrangeiros à barbárie, o país é mal visto. Então começamos a exaltar um nacionalismo defensivo em relação aos europeus. Em vez de aceitarmos as críticas aos brasileiros, por que não criticarmos a cultura européia, criando uma cultura genuinamente brasileira?”*³³.

Em posicionamento contrário à postura pessimista em relação ao futuro do Brasil, mantida por alguns intelectuais da época, dentre eles Euclides da Cunha, que *“classificou a cultura brasileira como sendo de empréstimo”*³⁴, apareceram no cenário nacional os higienistas, um grupo de pensadores que entendiam que se havia um determinismo biológico negativo em relação à miscigenação, a única saída para o Brasil seria através da promoção da Educação e da Saúde Pública.

No entender dos higienistas, não havia fundamentação científica para se determinar o futuro de uma nação simplesmente pelo determinismo biológico, constituindo isto um grande equívoco. Na realidade as pessoas eram frutos do meio em que viviam, sendo assim, seria necessária uma intervenção governamental para que pudessemos obter uma melhoria das qualidades psíquicas do povo brasileiro.

Desta forma, a corrente higienista ganhou força no seio positivista que dominava o novel poder republicano. Era necessária uma ação que pudesse, através da educação fornecer mudanças nas condições do povo, uma vez que as hereditárias implicavam em desvantagem ante outras nações.

O povo, abandonado, estava entregue às doenças em virtude da inércia dos governos. Faltavam estudos climáticos e sobre as condições saudáveis de vida em nosso meio, assim como uma ação capaz de resolver os problemas da escassez e impropriedade dos alimentos. Necessitávamos de uma política que alavancasse a economia e que solucionasse os problemas sociais e pedagógicos relativos à prosperidade e à educação do povo. Buscava-se, então, a intervenção do Estado, através da garantia dos direitos constitucionais à população brasileira, estabelecidos a partir da Educação e da Saúde, o que implicou na estruturação de escolas, na democratização do ensino, na educação para o trabalho³⁵, na Educação Higiênica e na Educação Física.

³² A Profa. Marieta Borges é hoje a maior especialista na História de Fernando de Noronha.

³³ Góis Júnior, op. cit. 2000, pg. 77.

³⁴ Góis Júnior, op. cit. 2000, pg. 78.

³⁵ Esta educação para o trabalho se fundamenta na constatação destes nacionalistas da chegada da mão de obra européia para a substituição dos escravos que haviam sido libertados. Entendiam que era necessário o desenvolvimento da formação de trabalhadores brasileiros. Este discurso também seria reproduzido pela

Entendiam os higienistas que a Educação Integral englobava os sentidos: moral, físico, intelectual e era um direito da criança e uma obrigação dos educadores. Para eles, “*a superioridade ethnica de um povo é uma equação entre os elementos de sua formação e as condições históricas que sobre eles actuaram*”³⁶.

A partir da questão da Educação Integral, abriu-se também um espaço para que os defensores da Educação Física se apropriassem deste discurso.

Na França, do século XIX, o governo tinha a preocupação de que a população do país viesse a desaparecer gradativamente, mesmo que as teorias de Malthus³⁷ alardeassem uma explosão demográfica. No que dizia respeito às atividades corpóreas, para a França, sua população estava fraca, indisposta, debilitada fisicamente isto poderia comprometer a soberania nacional. Precisaram, então, desenvolver um método de atividades físicas, fundamentado nas teorias fisiológicas da época, as quais não aceitavam o valor do desgaste físico, como um fator propício para a recuperação energética em superioridade, desenvolvendo assim, uma economia da energia, através do treinamento físico.

Após diversas pesquisas para se chegar a um método ginástico, estabeleceram-se dois grupos, um que recomendava as práticas esportivas, dos quais podemos destacar o Barão Pierre de Coubertain³⁸, e outro de Georges Demeny, que optava pela Ginástica, sendo escolhido tal método que seria denominado como Ginástica Francesa. Demeny foi também incumbido de criar um Curso de Educação Física, pioneiro na França, e que foi estabelecido na Escola Joinville-le-Point.

Destacaram-se, também na Europa, outros pioneiros dos métodos ginásticos, a saber: D. Francisco Amorós y Ondeano³⁹, Per Henrik Ling⁴⁰, Johan Guts Muths⁴¹, Geórges Hébert⁴², Thomas Arnold⁴³ e Robert Baden-Powell⁴⁴, cujos

esquerda brasileira, na pessoa de Manoel Bonfim. Para ele a raça brasileira era o mestiço, que deveria se libertar do estado de abandono a que fora submetido pelas elites.

³⁶ Azevedo, Fernando, apud Góis Júnior, op. cit., 2000, pg. 97.

³⁷ Economista inglês que demonstrou que em virtude do crescimento vertiginoso do índice de densidade demográfica, poderia haver fome no mundo, pois a produção de alimentos não acompanhava os mesmos índices.

³⁸ Notável defensor dos esportes que foi o principal protagonista para o estabelecimento dos Jogos Olímpicos da modernidade.

³⁹ Precursor das idéias da criação da Ginástica Francesa.

⁴⁰ Precursor da Ginástica Sueca.

⁴¹ Consolidou a Ginástica Alemã. Defendia que a educação intelectual sem a corporal era incompleta, devendo a Educação Física ser um meio educativo para todas as nações.

⁴² Precursor da Ginástica Natural.

⁴³ Considerado o precursor do Método Ginástico Inglês. Desenvolveu a introdução dos esportes de equipe nas escolas.

modelos de organização esportiva acabaram sendo exportados para todo o mundo, pois os métodos ginásticos: francês, alemão, sueco e inglês buscavam, em síntese, o desenvolvimento dos valores morais e da aptidão física através de exercícios e atividades rítmicas.

Para fins desta explanação, é importante registrar que os objetivos franceses foram alcançados. O país tornou-se uma das potências econômicas mundiais, o povo foi reabilitado, houve um crescimento populacional e a economia tomou novo impulso com a expansão da indústria. É claro, que esta situação não se deu somente às custas da Ginástica, havendo outros fatores associados, mas em função de sua grande contribuição, esta solução chegaria ao Brasil com grande força, adquirindo o status de solucionador dos problemas nacionais, o que foi aceito por muitos. Assim, *“se percebermos que o discurso intelectual brasileiro passava a valorizar a população e exigir uma intervenção estatal, que os higienistas viam o método francês como o mais científico, e as atividades físicas como uma das prioridades do sistema educacional, podemos afirmar que a Educação Física vivia um momento favorável para a consolidação da mesma perante a sociedade”*⁴⁵.

Célebres foram os discursos que elogiavam os métodos ginásticos estrangeiros, que já se manifestavam em suas diferentes formas, registrou-se porém, na época uma forte tendência em buscar um método brasileiro de ginástica. Na realidade, há muito se buscava um método nacional.

Esta situação marcou também uma disputa de poder entre os positivistas e os intelectuais nativistas que representavam a vanguarda entre os educadores físicos brasileiros. Neste bojo, estariam em disputa três correntes de pensamentos:

➔ **Conservadores** - defensores da implantação de um método ginástico estrangeiro. Entendiam os integrantes deste segmento que deveríamos buscar ações que melhorassem a imagem do Brasil perante os países europeus, adotando inclusive suas culturas;

➔ **Nacionalistas** - defendiam a necessidade do desenvolvimento de um método científico, eminentemente brasileiro, criado por nossos intelectuais e fisiologistas.

⁴⁴ Criou o escotismo. Defendia a Educação Física e os exercícios como naturais aos homens e mulheres.

⁴⁵ Góis Júnior, op. cit. pg. 146.

Mantinham um posicionamento estabelecido através de um nacionalismo defensivo em relação aos europeus, uma vez que já haviam condenado o país à barbárie; e

→ **Vanguardistas** - que entendiam que não haveria a necessidade de tal desenvolvimento, pois já tínhamos a Capoeira, que poderia ser reaproveitada, desde que estivesse livre de seus atos criminosos e marginais, e transformada em uma modalidade esportiva, ou seja, em um método ginástico nacional ou em uma modalidade de luta nacional.

Por força de tal circunstância, a Capoeira acabou sendo submetida a um processo de esportivização, advindo de influências da Europa do século XIX, que atuaram tanto sobre a Educação quanto sobre a Educação Física e que a ela estabeleceram procedimentos ginásticos de melhoria da performance física e do desenvolvimento moral⁴⁶. A esta nova forma que se configuraria a Capoeira, tomaria expressão também, influências da Inglaterra, cujo modelo de organização desportiva tinha dois alicerces de sustentação, a saber: o “associativismo”⁴⁷ e o “fair play”⁴⁸, os quais foram adotados em praticamente todos os países do mundo⁴⁹.

Esta conjuntura iniciará um novo Capítulo na História da Capoeira, além de marcar sua passagem para o Século XX. Na realidade o que se presenciou a partir de então, foi sua adequação ao processo civilizador⁵⁰, quer pela mudança

⁴⁶ Os principais textos desportivos da Capoeira até 1928 vinham carregados de uma forte componente de Educação Moral e de desenvolvimento de procedimentos éticos.

⁴⁷ O associativismo se tornou uma forma de organização geradora das formas pelas quais

⁴⁸ O fair play engloba o conceito de jogo limpo, jogo honrado e cordial.

⁴⁹ Novamente aqui se observa que a Capoeira é um produto multicultural.

⁵⁰ Este processo também deve ser entendido como um processo civilizador, na medida em que gerou a mudança de comportamentos. O processo civilizador a que nos referimos não é específico da Capoeira. Entendemos que a mesma foi submetida a um conjunto mais amplo de ações civilizatórias que exerceram forte influência sobre a sociedade como um todo, conseqüentemente sobre a mesma. E que se continua até os nossos dias. Estamos nos referindo aqui, ao esforço contínuo da humanidade em ter “cuidado”, ou seja, de buscar a transição das atitudes cruentas para as atitudes polidas, da perda da grosseria para o regramento desportivo, na busca da excitação sem haver o sacrifício do atleta, aqui entendido como o capoeirista. Esta situação nos fica evidente, na medida em foram extintas as maltas de Capoeira e seus comportamentos violentos, por foca das ações do Estado, assim como pelos anseios da sociedade, evidenciadas em sua dinâmica legislativa. Buscamos nesta tese, identificar, aquilo que Norbert Elias chamou de “processo civilizador” e o que Darcy Ribeiro chamou de “processo civilizatório”. Em ambos encontraremos estas mudanças de hábitos. No primeiro sendo utilizado tal conceito a partir da historiografia, observando-se mudanças ao longo do tempo, integrando a teoria social e a psicanálise, e o segundo pela ênfase na adoção de tecnologias oriundas dos povos europeus por parte dos povos da América, ao que chamará de “incorporação” ou “atualização histórica”, mais precisamente, de “sociedade reitora e sociedade periférica, sujeita à ação reflexa”.

⁵⁰ Os principais textos desportivos da Capoeira até 1928 vinham carregados de um forte componente de Educação Moral e de desenvolvimento de procedimentos éticos.

dos comportamentos, quer na adoção de novas tecnologias, situação esta a que se submetia toda a sociedade brasileira.

A busca de uma prática esportiva ou de uma Ginástica Brasileira teve um marco na Assembléia Constituinte instalada logo após a Independência do Brasil, em cuja sessão de 04 de junho de 1823, o Deputado pela Província de Minas Gerais, Padre Belchior Pinheiro de Oliveira, em nome da Comissão de Instrução Pública, apresentou um projeto de estímulo aos gênios brasileiros para elaborarem um tratado completo de educação, o qual recebeu do Deputado pela Província do Ceará José Mariano de Albuquerque Cavalcante, a seguinte emenda:

“Art. 1- A pessoa que apresentar no prazo de um ano contado da promulgação deste projeto, um plano de Educação Física, Moral e Intelectual, se for cidadão brasileiro será declarado benemérito da Pátria, e como tal atendido aos postos e empregos nacionais, segundo a sua classe e profissão; se for estrangeiro ou cidadão do Brasil, dar-se-lhe-á uma medalha distintiva.

Art. 2- Criar-se-á um segundo prêmio pecuniário para aquele que apresente um plano de Educação somente Física ou Moral ou Intelectual”⁵¹.

Todavia, havendo o referido projeto recebido um grande número de emendas, ficou deliberado que o mesmo voltasse à referida comissão para receber nova redação, o que aconteceu, embora nunca mais retornasse ao plenário. No entanto, permaneceu a idéia de uma Educação Física Nacional, cujos debates se seguiriam nos anos futuros.

Embora as influencias estrangeiras relativas aos esportes e ginásticas fossem fortes e contássemos também com aqueles que buscavam desenvolver cientificamente um método ginástico nacional, surgiram, no final do século XIX, intelectuais de vanguarda, que passaram a publicar artigos e crônicas, defendendo a idéia de que a Capoeira já preenchia estes requisitos, por ser a *“luta nacional”⁵²*, podendo ser transformada numa salutar prática esportiva, tal como outros povos

⁵¹ Dados obtidos em pesquisa junto à Câmara dos Deputados – Brasília - DF.

⁵² Passa a confundir-se o conceito de ginástica com o conceito de esporte.

tinham suas lutas, tais como o Japão o Jiu-Jítsu, a Inglaterra o Boxe, a França o Savate, entre outras, mas “*para isto era necessário apagar seu passado de crimes e de violência, eliminar a navalha do seu meio, e prestigiar os ases em detrimento do ‘povo baixo’*”⁵³. Destacam-se neste cenário Machado de Assis, Plácido de Abreu, Silvio Romero, Aloísio de Azevedo, Mello Moraes Filho, Luís Edmundo, Manoel Antonio de Almeida, Lima Barreto, Silva Jardim, Lopes Trovão e Coelho Neto.

O pensamento da maioria destes intelectuais era reformador liberal. Entendiam que a homogeneização étnica⁵⁴ e as condições do meio eram fatores chaves para o sucesso de uma grande nação e que era necessário que descobríssemos os nossos valores. O próprio Silvio Romero desafiaria em 1879 os brasileiros a “*estudarem sua verdadeira cultura e não a criação artificial dos indianistas românticos*”⁵⁵, que haviam construído uma idéia artificial da cultura brasileira. Segundo ele, “*Nessa obra da civilização, não há privilégios de raças e continentes; há somente o privilégio da força criadora*”⁵⁶.

De fato, Silvio Romero acertaria profeticamente, alguns anos mais tarde, no que diz respeito a Capoeira, ao demonstrar sua vocação nacionalista: “*O povo brasileiro, como hoje se nos apresenta, se não constitui uma só raça compacta e distinta, tem elementos para acentuar-se com força e tomar um ascendente original nos tempos futuros. Talvez tenhamos ainda de representar na América um grande destino histórico-cultural*”⁵⁷.

Estas palavras, que influenciavam inúmeros jovens intelectuais da época, demonstram claramente, que havia um posicionamento para o reaproveitamento dos valores brasileiros, à revelia de métodos ou técnicas advindas de outras nações. Este posicionamento também se fazia sentir em relação à Capoeira, que no entender dos mesmos poderia ser civilizada e reaproveitada como um “*Método Ginástico Nacional*”, ou como uma “*Luta Brasileira*”.

O empenho de tais personalidades em reaproveitar a Capoeira foi tão intenso que alguns capoeiristas que acreditavam neste ideal enfrentaram pessoalmente os próprios capoeiristas que faziam uso desta luta para uso de atitudes criminosas. “*Como militante republicano da ala jacobina, junto com Sampaio*

⁵³ Soares, op. cit. 1994, pg 12.

⁵⁴ Esta homogeneização já vinha sendo praticada pelos portugueses desde a colônia, constituindo filhos com africanos e indígenas.

⁵⁵ Skidmore, Thomas E.. Preto no Branco. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, pg. 52.

⁵⁶ Romero, Silvio, apud Skidmore, op. cit., 1976, pg. 52.

*Ferraz, Silva Jardim e Lopes Trovão, Plácido de Abreu ficou várias vezes frente a frente com a força política das maltas de capoeiras e teve que enfrentar os 'navalhistas' aliados do Partido Conservador em diversos momentos*⁵⁸.

Tais autores posicionavam-se como valorizadores da miscigenada cultura nacional, porém entendiam que a Capoeira deveria ser saneada e reaproveitada culturalmente como uma prática desportiva institucionalizada. Isto é, liberta dos atos criminosos gerados pelas maltas ou indivíduos que a utilizavam para a prática de atos considerados ilegais, ou seja um Esporte Nacional para um Estado Nacional. Em outras palavras, uma capoeira civilizada a partir de sua matriz étnica européia, capaz de causar *“alterações nos sistemas adaptativo, associativo e ideológico decorrentes do impacto das revoluções tecnológicas sobre as sociedades, estruturando-se em sucessivas formações sócio culturais*⁵⁹, da mesma forma que as Ginásticas Nacionais surgidas na Europa. Coelho Neto vai ainda mais longe: *“ele celebra a Capoeira como a verdadeira Educação Física do Brasil, que deve ser ensinada nas escolas, quartéis, lares, em quaisquer lugares onde a instrução seja importante*⁶⁰.

Plácido de Abreu, comediógrafo e jornalista, exímio capoeirista, português de nascimento, publica em 1886, o romance “Os Capoeiras”, que se tornou um marco literário na modalidade. Sua crônica narra uma Capoeira que era temida como arma de rua, não só dos negros, mas também dos pobres urbanos. Em seu texto encontramos a seguinte citação: *“Quando iniciei este livro tive por fim descrever as atrocidades cometidas pelos capoeiras desde épocas remotas... É um trabalho difícil estudar a capoeiragem desde a primitiva, porque não é bem conhecida sua origem. Uns atribuem aos pretos africanos, o que julgo um erro, pelo simples fato que na África não é conhecida nossa capoeiragem e sim algumas sortes de cabeça. Aos nossos índios também não se pode atribuir porque apesar de possuírem a ligeireza que caracteriza os capoeiras, contudo não conhecem os meios que estes empregam para o ataque e a defesa. O mais racional é que a capoeiragem criou-se, desenvolveu-se e aperfeiçoou-se entre nós*⁶¹.

⁵⁷ Ibidem pg. 53.

⁵⁸ Soares, op. cit., 1994, pg. 43. Observe-se que Sampaio Ferraz, foi o primeiro chefe de polícia da república e responsável pela perseguição contra aqueles que utilizavam a Capoeira para atos criminais.

⁵⁹ Ribeiro, Darcy. O Processo Civilizatório: Etapas na Evolução Sociocultural. São Paulo: Cia das Letras, 1998, pg. 68.

⁶⁰ Soares, op. cit., 1994, pg. 12.

⁶¹ Abreu, op. cit. 1886, pg. 2.

Não obstante ter sido Plácido de Abreu o primeiro autor a descrever em detalhes a Capoeira, e também nesta condição, a concluir sobre sua origem brasileira, a idéia de seu aproveitamento enquanto “Luta Nacional” foi proposta por Alexandre Mello Moraes Filho: *“Como a Febre Amarela, que não sabemos por que espanta tanta gente e quer-se a todo transe debelar, a capoeiragem, que é uma luta nacional degenerando em assassinatos, tem merecido perseguição sem descanso, guerra sem condições. Entretanto, na Europa o tifo, a difteria, o cólera e mais epidemias produzem anualmente grandes destroços e a ciência não cogitou nunca do seu extermínio, mas preveni-las; os jogos de destreza e força são regulados em seu exercício, disciplinados pela arte, e não havendo quem se oponha senão aos abusos”*⁶².

Esta colocação será preponderante nos novos destinos da Capoeira, enquanto prática desportiva, pois era meta governamental, investir no desarmamento e desmantelamento das chamadas maltas de capoeiras, higienizando-a e tornando-a uma modalidade esportiva ou utilizando-se de outras práticas esportivas para reduzir os níveis de violência urbana então atingidos, posto que havia um claro entendimento de que: *“os ciclos de violência são configurações formadas por dois ou mais grupos, processos de sujeições recíprocas que situam estes grupos numa posição de medo e de desconfiança mútua, passando cada um a assumir como coisa natural o fato de seus membros estarem armados ou serem mortos pelo outro grupo caso este tenha a oportunidade e os meios para fazê-lo”*⁶³.

Muitos dos intelectuais, inclusive os já citados fizeram da Capoeira um tema para suas penas, como Machado de Assis⁶⁴, Silvio Romero⁶⁵ e Aluísio de

⁶² Moraes Filho, Alexandre Mello. Festas e Tradições Populares no Brasil. Rio de Janeiro, Technoprint, s.d.. Nesta obra Moraes Filho faz uma analogia ao Movimento Higienista, do pós República, que com a criação da Inspetoria de Higiene, iniciou um combate sem tréguas aos cortiços do Rio de Janeiro, sob a desculpa do combate à Febre Amarela. Ocorre que tais locais eram redutos de negros escravos, libertos e livres, aos quais a natureza havia dotado de condições naturais de proteção contra esta doença. No entanto eram os principais alvos da ação das autoridades, que sob a égide da cientificidade, desalojaram milhares de famílias. Na realidade bastavam outras alternativas preventivas e sanitárias para que esta situação fosse contida. Desta forma Moraes Filho vem afirmar que a marginalidade da Capoeira advinha de falta de condições sociais preventivas desta violência urbana, que essencialmente não era causada pelos capoeiristas, mas sim, que estes faziam uso de tal arma corporal para combater outras doenças sociais. Sendo assim, bastava absorver a Capoeira o que melhor tinha a utiliza-la como um sofisticado instrumento de destreza corporal, uma ‘luta nacional’ ou uma ‘ginástica nacional’.

⁶³ Elias, Norbert & Dunning, Eric. Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización. Cidade do México, Fondo de Cultura, 1995, pg 39. Texto traduzido.

⁶⁴ Assis, Machado de. Crônicas: 1878-1888. Rio de Janeiro, W.M. Jackson, 1944. p. 227-30

⁶⁵ Romero, Silvio. A Poesia Popular no Brasil. Revista Brasileira, 1, Rio de Janeiro, 1879, pg 273.

Azevedo, com a primeira edição de “O Cortiço”⁶⁶, onde aparece o personagem Firmo, um mulato capoeira. Todos elegem suas obras buscando propiciar à Capoeira uma atmosfera romântica e de reaproveitamento social no campo esportivo, tal que desta forma, *“atuando através da subjugação, da deculturação, e da traumatização cultural das etnias dominadas assimilam-nas como parcelas indiferenciadas de macroetnias imperiais ou as reativam para amadurecerem como entidades étnicas aspirantes à autonomia e à expansão”*⁶⁷. Sendo assim, para o pensamento de Ribeiro, ainda que nacionalistas, acabaram implantando o modelo advindo dos saberes e fazeres das sociedades européias, de que *“a emergência do desporto como uma forma de confronto físico de tipo relativamente não violento encontrava-se, no essencial, relacionada com um raro desenvolvimento da sociedade considerada sob a perspectiva global: os ciclos de violência abrandaram e os conflitos de interesse e de confiança eram resolvidos de um modo que permitia aos dois principais contendores pelo poder governamental solucionarem as suas diferenças por intermédio de processos inteiramente não violentos, e segundo regras concertadas que ambas as partes respeitavam”*⁶⁸.

No campo das letras a Capoeira vinha ocupando cada vez mais espaço como uma salutar proposta de prática esportiva, paralelamente, conforme já vimos, o governo de Deodoro, através de Sampaio Ferraz, Chefe da Intendência de Polícia, mantinha diuturnamente ações repressivas contra aqueles que dela se utilizavam para a criminalidade. Este fato, além de culminar com a prisão e deportação de todos os capoeiras célebres identificados como delinqüentes, contribuiu para que muitos fugissem para outras províncias, perdendo assim o Rio de Janeiro sua primazia de grande centro capoeirístico, o que abriria espaço para o seu desenvolvimento em outros centros, tais como Salvador, Recôncavo Baiano e Recife, em sua forma livre, lúdica, ainda que sendo também perseguida pela polícia, porém de forma não tão intensa.

Tamanha repressão teve como conseqüência o declínio das atividades marginais dos capoeiras no Rio de Janeiro, porém a ascensão da prática da Capoeira, entre os desportistas criando, assim, um terreno fértil para o seu

⁶⁶ Azevedo, Aloísio. O Cortiço. Rio de Janeiro. Technoprint, s.d.

⁶⁷ Ribeiro, 1998, op. cit. pg. 68.

⁶⁸ Elias, & Dunning, op. cit. 1995, op. cit., pg. 39. Texto traduzido.

reaproveitamento social, resultando, conforme vimos, em sua institucionalização esportiva, traço marcante no século que se seguiria.

Este é um fato desconhecido entre os capoeiristas da atualidade por não ser abordado por aqueles que escreveram sobre este período, mantendo-se entre eles, uma visão romântico-ingênua sobre a mesma. As narrativas correntes nos dão conta de que a Capoeira foi perseguida e extinta naquela cidade, mas o que de fato ocorreu não foi a perseguição da Capoeira, mas sim de capoeiristas que dela se utilizavam para o crime.

Esta visão romântica serviu para alimentar durante décadas um imaginário de perseguição e resistência cultural, que por muitos foi assimilado através de diversas produções literárias, sem que se analisasse o contexto histórico e percebesse o pretexto de seus autores, imaginário este, que ainda hoje é forte nos discursos por parte dos capoeiristas e que é reproduzido nos processos de ensino-aprendizagem em muitos núcleos de ensino⁶⁹.

Na realidade, a Capoeira nunca deixou de ser praticada no Rio de Janeiro ou em qualquer outra parte do país, posto que aqueles que dela faziam uso como um instrumento de ginástica ou até de luta regrada podiam praticá-la livremente. Assim não existem elementos para se afirmar que a perseguição foi contra a Capoeira, mas sim contra os capoeiristas de orientação política contrária aos que estavam no poder, bem como aos qualificados como desordeiros, vadios ou aos que dela se utilizavam para práticas criminosas impingindo o terror à população.

A Capoeira foi submetida a um processo civilizador. E assim sendo, *“essa racionalização foi acompanhada de uma enorme diferenciação nas cadeias funcionais e de uma correspondente mudança na organização da força física. Sua precondição foi a elevação do padrão de vida e do nível de segurança, ou em outras palavras, uma maior proteção contra os ataques ou a destruição física e, assim, contra os medos incontroláveis que afetavam com muito mais força os indivíduos que eram membros de sociedades com monopólios estáveis de força e divisão menos acentuada de suas funções”*⁷⁰.

⁶⁹ Desejamos aqui ressaltar que muitos fatos fantasiosos são utilizados nas academias de capoeira, contribuindo para a geração de uma imagem distorcida da realidade.

⁷⁰ Elias, Norbert. O Processo Civilizador. Volume 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, pg. 268.

O processo civilizador aqui referido se fundamenta nos estudos de Norbert Elias, os quais oferecem três pontos de apoio para o entendimento do objeto de nosso estudo, a saber:

→ **As relações de poder** - neste caso a recém constituição da República e a busca pelo saneamento da capital federal;

→ **A mudança dos hábitos** - caracterizada pela influência dos positivistas e principalmente dos higienistas que passaram a ter um papel fundamental no novo governo e nos que se seguiriam;

→ **O padrão de comportamento** - que derivará das novas dinâmicas sociais e das influências de outras sociedades, alterando a constituição psíquica dos indivíduos, conseqüentemente seus autocontroles.

A partir deste período constata-se uma decadência da Capoeira enquanto prática criminosa. Desta forma, a mesma deixaria, gradativamente de ser uma luta para se tornar um jogo. E a ludificação marcaria sua prática a partir do Século XX, posto que *“a imagem do jogo certamente é menos ruim para evocar as coisas sociais... pode-se falar de jogo para dizer que um conjunto de pessoas participa de uma atividade regrada, uma atividade que, sem ser necessariamente produto da obediência à regra, obedece a certas regularidades. O jogo é o lugar de uma necessidade imanente, que é ao mesmo tempo uma lógica imanente. Nele não se faz qualquer coisa impunemente. E o sentido do jogo, que contribui para essa necessidade, e essa lógica, é uma forma de conhecimento dessa lógica. Quem quiser ganhar este jogo, apropriar-se-á do que está em jogo”*⁷¹. Sua forma lúdica, foi sendo incorporada também no desenvolvimento deste processo sua aplicação como uma dança, ginástica, atividade física, folclore e arte marcial, características distintas que manteria no futuro e pelas quais se consagraria a partir de então. Nesta situação, acentuou-se a utilização dos cânticos e de músicas, agrupando instrumentos musicais, entre eles o berimbau, o pandeiro, o atabaque, o agogô e o reco-reco.

⁷¹ Bourdieu, Pierre. Da Regra às Estratégias. In: Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990, pg 83-84.

É extremamente rico este processo da Capoeira. Recusada como “*Ginástica Nacional*” pelos positivistas conservadores, enaltecida como tal pelos vanguardistas, com suas visões culturalistas, defendida entretanto como uma “*Luta Nacional*” pelos nacionalistas mas recusada por ambos como um “*Folclore*”, entretanto buscada como um “*Desporto*” pelos saneadores da sociedade, acabou se transformando num “*Jogo*”, que por sua vez iria sintetizar todas as suas dialéticas. “*A vida social reveste-se de formas suprabiológicas, que lhe conferem uma dignidade superior sob a forma de jogo, e é através deste último que a sociedade exprime sua interpretação da vida e do mundo*”⁷².

Outras ações se seguiram neste sentido. Em 1907, surge no Rio de Janeiro, um opúsculo apócrifo, denominado “O Guia do Capoeira ou Gymnástica Nacional”⁷³. Este livreto continha a seguinte introdução: “*Actualmente, o capoeira é representado pelo desgraçado vagabundo, trouxa, cachaça, gattuno, faquista ou navalhista, conhecido por alcunha que lhe garante a mor facilidade de entrada nos xadrezes policiaes! Assim é que o maior insulto para inutilizar um jovem é chamá-lo capoeira. Foi sem dúvida nosso empenho, levantar a Gymnastica Brasileira do abatimento em que jaez, nivelando-a como singularidade pátria, ao socco inglez à savatta francesa à lucta allemã, às corridas e jogos tão decantados em outros paizes. Nossa briosa mocidade hoje desconhece pela mor parte, os trabalhos e termos da arte antiga, e por isso nos resolvemos publicar o presente guia*”⁷⁴.

O texto demonstra claramente a nítida divisão social a que viemos aludindo, entre aqueles que a praticavam como um instrumento esportivo e os que dela faziam uso para a delinqüência, que ainda continuavam sendo presos pela polícia, espancados, torturados e deportados.

Este trabalho continha uma proposta de institucionalização da mesma em um esporte nacional, entendido como uma Ginástica Brasileira. Este folheto, dedicado à distinta mocidade, foi dividido em cinco partes: I- Posições; II- Negaças; III- Pancadas Simples; IV- Defesas Relativas e V- Pancadas Afiançadas. Tal

⁷² Huizinga, Johan – Homo Ludens – Ed. Perspectiva, São Paulo, 2001, pg. 53.

⁷³ Guia do Capoeira ou Gymnastica Brasileira. Apócrifo. Rio de Janeiro, Livraria Nacional. 1907. Fac Símile. Este opúsculo trouxe as siglas “O. D. C.” que muitos capoeiristas e até autores futuros confundiram como sendo o nome de um suposto autor que não desejava se identificar. Isto foi um grande engano que durou por algumas décadas e até hoje ainda existem aqueles que defendem esta posição. Na realidade, as siglas ODC são abreviaturas tradicionais das palavras: ofereço, dedico e consagro que eram utilizadas em quase todos os livros da época. No caso este livreto foi oferecido à distinta mocidade.

⁷⁴ Guia do Capoeira ou Gymnastica Brasileira, op. cit., 1907, pgs, 2 e 3.

iniciativa serviu realmente para difundir a Capoeira junto aos moços das “*boas famílias*”, preparando terreno para sua desportivização.

A prática desportiva foi a mais antiga forma organizacional da Capoeira e até hoje continua em atuação, em franca expansão internacional. Estabelecida a partir de Códigos conseguiu ter uma padronização técnica, cultural, desportiva, educacional e administrativa, que é definida a partir de Congressos Nacionais e Internacionais.

Surgido no Rio de Janeiro, como vimos, logo após a Proclamação da República, resultante do aproveitamento da corporalidade da Capoeira, em seus gestos e movimentos, para a construção de um método ginástico caracterizado por uma forma de luta. No entanto, foi somente em 1928 que o mesmo foi estruturado. Seu precursor é Annibal Burlamaqui, conhecido pelo nome de Zuma, o qual elaborou a primeira Codificação Desportiva da Capoeira, sob o título de: *Gymnastica Nacional (Capoeiragem) Methodizada e Regrada*. Sua obra impressiona até hoje os Profissionais de Educação Física, justamente pelo vanguardismo que encerra. A mesma foi dividida em cinco partes: I- História; II- considerações sobre os Sports; III- Methodos e Regras; IV- Os Golpes e os Contra-Golpes; V- Exercícios e Requisitos para a Aprendizagem da *Gymnastica Nacional*.

Este trabalho, que englobou dois conceitos distintos para a Capoeira, o da “*Luta*” e o da “*Ginástica*”, foi prefaciado em 1927 pelo advogado Mário Santos. Apresentava como inovação, a área de competição, estabelecida em um círculo de 2,0 m de raio, critérios de arbitragem, de empate e de desempate, uniforme pugilístico, uma relação de 28 golpes, sendo três deles de autoria do próprio autor, uma posição base, a ginga, e o que é mais importante, um processo pedagógico de todos os movimentos, descritos e ilustrados, contendo as estratégias de contragolpes e uma relação de exercícios de aquecimento e de treinamento para uma rápida adaptação da população leiga aos padrões de movimentos da capoeiragem.

Burlamaqui, considerando que a Capoeira, enquanto *Ginástica* e *Luta*, era também um esporte categorizado como pugilístico, adotou os padrões do Boxe, adaptando-os à mesma. Embora transposta do boxe⁷⁵, esta obra de Burlamaqui foi

⁷⁵ Aqui temos, mais um exemplo da situação multicultural da Capoeira, na medida em valores da Inglaterra, e de um de seus esportes nacionais, o Boxe, são inseridos e adaptados à Capoeira. A partir desta situação, entre outras, devemos repensar a Capoeira como um patrimônio cultural brasileiro.

extraordinária para os padrões da época causando ainda hoje muita admiração pela riqueza de detalhes técnicos apresentados, assim como, por seus processos pedagógicos devidamente ilustrados.

Como um desporto pugilístico, a Capoeira trilhou um novo caminho no qual fora aceita socialmente, e a contribuição de Annibal Burlamaqui para a organização desportiva da Capoeira nesta área foi tamanha, que ele conseguiu introduzir a mesma, enquanto “*Luta Brasileira*”, já em suas fundações, na Federação Baiana de Pugilismo, em 11 de novembro de 1930, na Federação Carioca de Pugilismo, em 05 de março de 1933, bem como na Federação Paulista de Pugilismo, em 4 de novembro de 1936, de modo que em ambas foram criados, já no primeiro momento, os “*Departamentos Estaduais de Luta Brasileira*”, situação esta que teria desdobramentos futuros⁷⁶.

A necessidade do estabelecimento de uma legislação desportiva era uma exigência que vinha do exterior, em especial do Comitê Olímpico Internacional. Deste modo, surgiu em 14 de abril de 1941, através do Presidente Getúlio Vargas, o Decreto Federal 3.199 que regulamentava as práticas desportivas e dava outras considerações. Esta legislação organizou as Confederações Brasileiras segundo suas áreas específicas⁷⁷. A Capoeira, entendida como luta, passou a integrar, também, desde sua fundação, a Confederação Brasileira de Pugilismo – CBP, através do Departamento Nacional de Luta Brasileira. Este foi o primeiro reconhecimento oficial da Capoeira como uma prática desportiva.

Muito embora desde o final do século XIX, a Capoeira esportivizada já estivesse liberada pela polícia, as contribuições precursoras de Annibal Burlamaqui, organizaram o Eixo Desportivo sendo considerado por tais razões o seu patrono⁷⁸. Além disto, lançaram as bases da moderna Capoeira, a partir de Zuma, pois de sua atuação, também surgiram outros dois Eixos, ambos institucionalizados enquanto práticas esportivas na Cidade de Salvador, Bahia, conforme veremos adiante.

O Eixo Desportivo, buscado pelos Positivistas de Vanguarda e que foi codificado por Burlamaqui, tornou-se institucionalizado, obtendo, a cada época, avanços em suas propostas. A Capoeira passa a sofrer grandes modificações

⁷⁶ As fontes utilizadas aqui foram os próprios estatutos das referidas entidades. A Federação Baiana de Pugilismo, embora fundada em 1930, foi oficializada em outubro de 1935.

⁷⁷ Este Decreto fundou as Confederações Brasileiras de: Desportos, Basquetebol, Pugilismo, Vela e Motor, Esgrima e Xadrez. Observe-se que o Futebol ainda não havia adquirido o status que hoje goza, sendo assim, integrado à Confederação Brasileira de Desportos.

principalmente a partir dos anos 30 e 40, e os capoeiristas que tanto terror causavam na população e tanto trabalho davam à polícia “vão sendo substituídos em importância na cena principal da Capoeira por mestres que com zelo vão exercer uma nova ação civilizadora”⁷⁹.

Através deste processo a “Luta Brasileira” passou a estar atrelada aos dispositivos legislativos que, como vimos, foram vitais para esta legitimação, os trabalhos desenvolvidos por Burlamaqui. Sua importância para este processo não pararia por aí. Burlamaqui ainda exerceu grande influência num dos mais profícuos professores de Educação Física do Brasil, o Prof. Inezil Penna Marinho, que em 1945 publica a obra “*Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem*”, elaborada a partir de um trabalho científico que no ano anterior fora premiada em 1º lugar no Concurso Nacional de Monografias do Ministério da Educação e Saúde. Em sua página dedicatória encontramos o seguinte: “*Dedicamos este pequeno trabalho aos capoeiras do Brasil, entre os quais Agenor Sampaio (o velho Sinhozinho) e Annibal Burlamaqui (Zuma), que tanto têm trabalhado para que a capoeiragem não desapareça*”⁸⁰.

Em 1953, o governo federal expediu a Deliberação 071 do Conselho Nacional de Desportos – CND, órgão do Ministério da Educação e Saúde Pública. Esta medida que tinha como objetivo exercer um controle sobre o cidadão que praticava atividades esportivas, em especial as Artes Marciais, enquadrando a Capoeira nesta categoria, determinava o cadastramento de todos os seus praticantes e sua comunicação aos órgãos governamentais. Esta medida, a despeito da sua natureza, caracterizou o segundo reconhecimento da Capoeira como uma modalidade desportiva.

Outros trabalhos surgiram enfocando a Capoeira como uma Luta Brasileira. Consideramos também, neste particular, como um marco na popularização desta modalidade, o livro “*Capoeira sem Mestre*”, de autoria de outro grande expoente da Educação Física no Brasil, o Prof. Dr. Lamartine Pereira da

⁷⁸ Dados da Confederação Brasileira de Capoeira.

⁷⁹ Abreu, Frederico. O ABC da Capoeira Angola: Os Manuscritos do Mestre Noronha. Brasília, CIDOCA, 1993, pg. 120.

⁸⁰ Marinho, Inezil Penna. Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem – Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945, pg. 5.

Costa⁸¹, publicado na década de 60. Tal obra representou também um avanço da modalidade junto às universidades, que passaram então a elaborar desde então, pesquisas científicas sobre o assunto, em diversos campos do saber.

Ainda sob a influência governamental, a Confederação Brasileira de Pugilismo, em parceria com a Força Aérea Brasileira, realizou dois Simpósios Nacionais de Capoeira, um em 1967 e outro em 1969. Estes encontros tiveram dois objetivos. O primeiro, de ordem política, visava o conhecimento por parte dos órgãos governamentais da ideologia das principais lideranças da Capoeira, pois estávamos em plena ditadura militar. O segundo, de ordem técnica, buscava verificar as necessidades básicas para o desenvolvimento da modalidade e estabelecer uma nomenclatura oficial de movimentos, para que assim, padronizada, a Capoeira pudesse estar mais fortalecida. Para tais encontros foram convidados tanto os representantes do Eixo Desportivo, quanto os da Luta Regional e da Capoeira Angola, os quais comentaremos mais adiante. Em tais encontros foram produzidos textos que representavam a situação da modalidade na época, não sendo dados prosseguimentos a estes trabalhos.

Tais encontros não resultaram em grandes avanços. A Força Aérea percebeu que não havia subversivos entre os capoeiristas, mas que havia um grande conflito que advinha das diferentes concepções de cada grupo, ou melhor, de cada Eixo, não havendo assim um consenso entre suas lideranças, que fosse capaz, naquele momento, de estabelecer um documento final de unificação da Capoeira ou de estabelecer uma nomenclatura oficial de movimentos, assim como de critérios de formação e qualificação de seus agentes de reprodução cultural.

Novamente em 1972 a Capoeira obteve por parte do Conselho Nacional de Desportos – CND seu terceiro reconhecimento como prática desportiva. Este último ato teve como consequência, a organização de diversas Federações Estaduais especializadas nesta modalidade⁸². O primeiro estado a ter uma Federação foi São Paulo, seguido do Rio de Janeiro, e mais tarde, pela Bahia, Paraná, Minas Gerais e Sergipe.

⁸¹ O Dr. Lamartine Pereira da Costa, um renomado estudioso dos esportes e das atividades físicas, continuaria prestando relevantes trabalhos também em prol da Capoeira, destacando-se a inclusão da modalidade no Atlas dos Esportes, uma obra histórico-geográfica e situacional das modalidades esportivas existentes no Brasil.

⁸² Até então a Capoeira, como as demais lutas e artes marciais, se organizava nas Federações Estaduais de Pugilismo.

Ainda sob a égide da Confederação Brasileira de Pugilismo, foram organizados seis Campeonatos Brasileiros, o que implicou na realização prévia de Campeonatos Estaduais. Para que isto ocorresse, era necessário o estabelecimento de regras competitivas, bem como a qualificação de técnicos e de árbitros estaduais e nacionais, ou seja, uma padronização técnica.

A despeito destas primeiras competições, eram, a princípio, muito violentas, mas foram gradativamente abrandadas na medida em que passou a haver um maior grau de consciência desportiva entre seus praticantes, em relação aos objetivos e se alcançar. Ou seja, houve uma gradativa interação social entre os agentes participantes, os quais adotaram princípios de civilidade e de cortesia, ou seja, passaram a implantar o princípio da não violência.

O Prof. Inezil Penna Marinho ainda continuava suas ações em prol da Capoeira, tornando-se um dos maiores expoentes em defesa da “*Ginástica Brasileira*”, proposta originalmente por Burlamaqui. O mesmo apresentou seu projeto, de mesmo nome, já como Livre Docente da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1981, no Congresso Mundial da Associação Internacional das Escolas Superiores de Educação Física, inaugurando a projeção educacional e desportiva da Capoeira em âmbito internacional.

Sob a direção da Confederação Brasileira de Pugilismo, que abrangeu o período de 1941 a 1992, ou seja mais de cinquenta e um anos, a Capoeira passou por um verdadeiro laboratório de prática desportiva. Houve uma série de mudanças em seu Regulamento Técnico, que interferiram nos padrões de arbitragem e nas práticas dos técnicos que acompanhavam as competições, conseqüentemente em sua corporalidade. Em função disto, verificamos a criação de mais duas profissões que até então não existiam na Capoeira: Árbitro e Técnico. Outras ainda surgiram, a saber: preparador físico, massagista, chefe de delegação, ritimista e mesário. Assim, a Capoeira passava a ter suas estruturas moldadas a cada fase. Além disto foram alicerçados os procedimentos de institucionalização das academias, que passaram a adotar novos procedimentos administrativos em busca de uma linguagem que facilitasse os entendimentos em tais eventos.

Podemos entender este período como importante para o processo de maturação de seus atores sociais, no entanto havia uma dificuldade relativa à

adoção de estados mais elevados de consciência desportiva, resultantes da falta de investimentos na formação de recursos humanos para o desporto.

A ausência de continuidade de ações institucionais para a formação e qualificação de recursos humanos acabou por criar um esvaziamento na participação nos eventos desportivos, conseqüentemente um problema de legitimidade no próprio segmento, que era especializado em práticas pugilísticas, ou seja, os pertinentes aos aspectos da “Luta”, e como vimos anteriormente, a Capoeira foi posicionada, no processo civilizador como um “Jogo” e não como uma “Luta”, o que criava uma certa dificuldade de entendimentos. Esta situação acabou se agravando com a gradativa transição dos militares, dos postos-chaves que conduziam o desporto no Brasil, assumindo tais funções os civis, que aos poucos foram retomando as atividades. Esta transição, ocorrida nos anos 80 foi um tanto quanto demorada, sendo cumulativamente escasseados os recursos financeiros destinados aos esportes, em função das crises financeiras da nação.

O enquadramento da Capoeira na Confederação Brasileira de Pugilismo, apesar de gerar conflitos, representara um avanço do ponto de vista de sua organização institucional, absolutamente necessária para sua representatividade, porém, o enfoque da Capoeira apenas como luta, criava um esvaziamento que não interessava aos representantes do Eixo Desportivo e nem aos dirigentes do Pugilismo.

Assim, em 1992, inicia-se um movimento nacional visando o desmembramento da Confederação Brasileira de Pugilismo⁸³, do Departamento Nacional de Luta Brasileira: Capoeira, bem como dos respectivos Departamentos Estaduais, para a organização de uma entidade específica de Capoeira, o qual obteve o apoio do então Presidente Joani Antonio Palmeira, que na época presidia o Pugilismo.

Este movimento tinha por finalidade a fundação da Confederação Brasileira de Capoeira, objetivo este, esperado por muitas lideranças, e concretizado no Rio de Janeiro em 23 de outubro de 1992. Tal entidade teve por missão a reorganização técnica, cultural desportiva, administrativa e educacional da modalidade, tendo como diretriz, o estudo, a difusão e a aplicação das tradições e rituais que estavam sendo esquecidos, cujos conteúdos eram discutidos em

⁸³ Esta permissão era necessária, pois sem o interesse da Presidência da referida Confederação, não poderia haver o desmembramento dos Departamentos Estaduais de Luta Brasileira e nem do Departamento Nacional.

Congressos Nacionais, buscando assim, uma legitimidade para este processo. Com isto, a Capoeira cresceu e se expandiu em todos os segmentos, principalmente no campo desportivo, não sem muita polêmica e fortes correntes contrárias principalmente das lideranças dos demais Eixos.

Esta iniciativa obteve a aprovação dos dirigentes da Confederação Brasileira de Pugilismo, os quais entenderam as necessidades de um aporte cultural às questões da Capoeira, muito além das administrativas. Em função do sucesso desta ação, outras modalidades de lutas foram também desmembradas do Pugilismo, de modo que, sem outras modalidades, acabou trocando sua denominação para Confederação Brasileira de Boxe, tratando assim apenas da modalidade principal na referida instituição.

Houve, desta forma, um consenso em se entender que a Capoeira não era apenas uma luta, mas sim uma modalidade aglutinadora de um conjunto de aspectos diferenciados, entre os quais se destacava o canto, a música, a arte, a cultura, a ginástica e a filosofia, ou seja, a Capoeira enquanto Desporto de Identidade Nacional desejava caminhar em busca de seus referenciais culturais. E foi o que aconteceu.

Logo após a fundação da Confederação Brasileira de Capoeira, ao serem encaminhados os documentos de praxe⁸⁴ para a então Secretaria Nacional de Esportes da Presidência da República, hoje Ministério do Esporte, recebeu-se como resposta que era inviável a fundação de uma Confederação específica de Capoeira em virtude da mesma abranger uma *“farta e variada diferenciação de procedimentos técnicos, culturais e desportivos”*⁸⁵.

Em verdade, tal documento foi encaminhado equivocadamente, uma vez que, dentro de uma lógica desportiva, os demais Eixos é que estavam despadronizados, enquanto o Desportivo seguia, como sempre seguiu, uma codificação que em si mantinha aquilo que o jurista não havia detectado, e no caso, até então, estabelecida pelo Pugilismo⁸⁶. Entretanto, isto fez com que o referido Eixo

⁸⁴ Ata de Fundação, Aprovação de Estatuto, Eleição e Posse da Diretoria, além do Cartão do Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas: CBPJ e as autorizações do desmembramento por parte do Pugilismo.

⁸⁵ Memorando da Presidência da República MEMO/ASJUR/049/92, datado de 10 de novembro de 1992 a assinado pelo Dr. Juarez Alberto Marsson Moreira.

⁸⁶ Este ato não foi isolado. Sempre houve um descaso das autoridades brasileiras em relação à Capoeira. Nunca lhe deram uma atenção maior, mesmo porque nunca a perceberam, salvo quando para a liberação de recursos financeiros para projetos duvidosos ou de interesses políticos, os quais eram destinados para cabos eleitorais, apadrinhados políticos ou até membros dos partidos políticos que detinham a pasta, situação esta que sempre ocorreu a cada troca de governo. Isto também nos requer uma reflexão sobre o processo civilizador, pois a

organizasse, em Guarulhos, SP, o Primeiro Congresso Técnico Nacional, o que ocorreu em março de 1993, que juntou lideranças de doze estados brasileiros, cujos representantes assinaram um documento de padronização técnica, encaminhado à Presidência da República, com o qual foi deferido o processo de fundação.

Com o advento da Confederação Brasileira de Capoeira - CBC, foram padronizados procedimentos técnicos, culturais, administrativos e desportivos. Estabeleceu-se uma nomenclatura de movimentos, níveis de alunos e docentes segundo critérios metodológicos de tempo e de conhecimento, assim como competências, saberes e habilidades específicas para a reprodução cultural da Capoeira. Um novo ritmo foi estabelecido, a ponto de até os opositoristas também terem que se reestruturar desportiva e institucionalmente para acompanhar tais modificações.

Destacam-se, entre as principais contribuições da Confederação Brasileira de Capoeira, dentro do processo civilizador, em discussão, as seguintes ações institucionais que buscaram criar uma forma representativa da Capoeira, fazendo assim com que a mesma passasse a freqüentar novos círculos sociais:

→ Ações Institucionais

Desmembramento do Departamento Nacional de Capoeira para a fundação da Confederação Brasileira de Capoeira – Rio de Janeiro – RJ - 1992;

Reconhecimento pela Secretaria de Desportos da Presidência da República⁸⁷ – 1993 – Brasília – DF;

Reconhecimento pelo Comitê Olímpico Brasileiro⁸⁸ – COB – Rio de Janeiro – 1995;

Homologação do Superior Tribunal de Justiça Desportiva da Capoeira pela Ordem dos Advogados do Brasil⁸⁹ – OAB – Guarulhos – SP – 1997;

Organização do Conselho Superior de Mestres – Belo Horizonte – MG – 1998;

Fórum Nacional de Formulação das Políticas Públicas da Capoeira – DF 2004;

Capoeira, continuava à deriva, sustentando-se, como sempre, nos orçamentos familiares de seus agentes de reprodução cultural, os quais tinham, que prover, além do sustento de seus lares, também a cultura brasileira.

⁸⁷ Esta situação é prevista ao se encaminhar as documentações das Confederações para ciência ao órgão específico do governo federal.

⁸⁸ Este reconhecimento representou um dos maiores méritos alcançados pela Capoeira, antes citada no Código Penal e agora integrante da mais importante entidade desportiva nacional.

⁸⁹ A homologação deste Tribunal se deveu por força de Lei.

→ **Convenções de Organização Desportiva:**

Primeiro Congresso Técnico Nacional⁹⁰ – 1993 – Guarulhos, SP;
Elaboração do Regulamento Desportivo de Capoeira⁹¹ – 1993 – Salvador, BA;
Primeiro Congresso Nacional de Capoeira Angola – Salvador – BA – 1998;
Fundação de 23 Federações Estaduais;
Fundação de 48 Ligas Regionais e Municipais;
Segundo Congresso Técnico Nacional de Capoeira – São Paulo – SP – 1999;
Terceiro Congresso Técnico Nacional de Capoeira – Vitória – ES – 2001;
Introdução da Capoeira nos Jogos Regionais e Abertos: SP e GO – 2002;
Seis Fóruns Nacionais de Tendências e Debates, de 1996 a 2002;

→ **Eventos Desportivos**

Primeiro Campeonato Brasileiro de Capoeira⁹² – Brasília – DF – 1996
Segundo Campeonato Brasileiro de Capoeira – Araras – SP – 1997
Terceiro Campeonato Brasileiro de Capoeira – Rio de Janeiro – RJ – 1998
Quarto Campeonato Brasileiro de Capoeira – Goiânia – GO – 1999
Quinto Campeonato Brasileiro de Capoeira – São Bernardo do Campo – SP – 2000;
Sexto Campeonato Brasileiro de Capoeira – São Paulo – SP – 2002;
Sétimo Campeonato Brasileiro de Capoeira – Brasília – DF – 2004;

→ **Ações de Arbitragens**

Fundação da Associação Bras. de Árbitros de Capoeira – São Paulo – SP – 1999;
Primeira Convenção Nacional de Árbitros – São Paulo – SP – 1999;
Segunda Convenção Nacional de Árbitros – São Paulo – SP – 2001;
Terceira Convenção Nacional de Árbitros – Araras – SP – 2004;

→ **Ações e Eventos Internacionais**

Primeira Feira Internacional de Esportes – São Paulo – SP – 1994;
Segunda Feira Internacional de Esportes – São Paulo – 1995;
Nono Simpósio Internacional de Esportes Tradicionais – Dudelstadt – AL – 2000;
Fundação da Federação Canadense de Capoeira – Toronto – CA – 1998;

⁹⁰ Este evento teve por finalidade iniciar as padronizações técnicas da Capoeira com base na valorização cultural.

⁹¹ Neste Seminário definiram-se as regras de competição dentro da nova sistemática.

Fundação da Federação Argentina de Capoeira – Buenos Aires – AR – 1999;
Fundação da Federação Internacional de Capoeira – São Paulo – SP – 1999;
Fundação da Federação Nacional Portuguesa de Capoeira – Lisboa – PT – 1999;
Primeiro Congresso Técnico Internacional de Capoeira – São Paulo – SP – 1999;
Fundação da Federação Francesa de Capoeira – Paris – FR – 2000;
Segundo Congresso Técnico Internacional de Capoeira – Vitória – ES – 2001;
Fundação da Federação Alemã de Capoeira – Nuremberg – AL – 2002;
Primeiro Congresso Técnico Internacional de Capoeira – São Paulo – SP – 1999;
Fundação da União Mundial de Artes Marciais – Chungju – Coréia do Sul – 2002;
Campeã no V Festival Mundial de Artes Marciais – Chungju – Coréia do Sul – 2002;
Campeã no VI Festival Mundial de Artes Marciais – Chungju – Coréia do Sul – 2003;
Fundação da Federação de Capoeira da Turquia – Ankara – Turquia – 2003;
Fundação da Federação Italiana de Capoeira – Nápoles – Itália – 2003;
Fundação da Federação Européia de Capoeira – Nápoles – Itália – 2004

As ações da Confederação Brasileira de Capoeira geraram a qualificação de milhares de técnicos, árbitros e instrutores de Capoeira. Sua facilidade de atuação se deve em grande parte à sua articulação dentro do sistema legal, o que contribuiu para a facilitação de suas ações, situação esta que os demais Eixos não encontravam. À guisa de exemplo, podemos citar o recente Ofício 408/2004 GM, de 30 de junho de 2004, do Ministério do Esporte, autorizando a Confederação Brasileira de Capoeira a utilizar a chancela do referido Ministério em todas as suas atividades institucionais, assim como para a captação de recursos financeiros em empresas patrocinadoras, elogiando ainda, na mensagem do Ministro Agnelo Queiroz, o *“trabalho realizado em prol do desenvolvimento das atividades da Capoeira, e em particular por se distinguir no âmbito internacional como desporto de identidade cultural e criação brasileira”*. Tal instrumento, atrelado ao reconhecimento do Comitê Olímpico Brasileiro como única entidade reconhecida para dirigir, administrar e promover o desenvolvimento técnico da modalidade, se tornam instrumentos poderosos no mundo atual. Sendo assim, os demais Eixos tiveram que caminhar conforme suas próprias estratégias organizacionais.

Estas ações acabaram culminando, através de processos transnacionais e supranacionais, na organização da Capoeira, de forma desportiva,

⁹² Embora tenha existido outros Campeonatos Brasileiros de Capoeira, este foi o da nova edição com as regras alteradas onde se valorizou os acervos culturais advindos do Jogo e não os da Luta..

em dezenas de países, sob a esfera de atuação da Federação Internacional de Capoeira - FICA, a quem cabe coordenar o desporto em âmbito mundial e que busca seu reconhecimento pelo Comitê Olímpico Internacional, sendo que para isto, busca implantar valores do chamado espírito olímpico⁹³ nas atividades desportivas, ao passo em que amplia um modelo de gestão da Capoeira.

⁹³ O espírito olímpico nos remonta aos Jogos Olímpicos da Antiguidade, ocorridos na Grécia e aos da Modernidade, reeditados por uma iniciativa francesa. Quanto mais a Capoeira se aproxima destes valores, mais deveremos refletir seu multiculturalismo.